

## REFLEXÕES SOBRE O DOCUMENTÁRIO “EDUCAÇÃO PROIBIDA”

ADRIANA VIEBRANTZ BRAGA<sup>1</sup>; CLAUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [arqui.adrianabraga@gmail.com](mailto:arqui.adrianabraga@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [clauummattos@gmail.com](mailto:clauummattos@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O vídeo “Educação Proibida”, publicado em 13 de agosto de 2012, se trata de um documentário que apresenta mais de 90 entrevistas realizadas em 8 países ibero-americanos. Ele exhibe 45 experiências educativas não convencionais, e mostra a necessidade de revermos as formas tradicionais de educação. Mesmo após 200 anos de existência, a escola ainda é a principal forma de acesso à educação. A instituição escolar, desde sua origem, tem sido caracterizada por estruturas e práticas, ainda hoje, consideradas obsoletas e anacrônicas, obstante as necessidades impostas pelas características do século XXI.

Este documentário destaca que a principal falência está em não considerar a natureza da aprendizagem, a liberdade de eleição ou, importância dos sentimentos e vínculos humanos no desenvolvimento individual e coletivo. Sugerindo novas propostas e práticas para repensar a educação. O “Educação Proibida” traz novas formas de educar e de explorar ideias e experiências positivas e significativas para renovar as estruturas do modelo educativo da escola tradicional.

No texto apresentamos uma reflexão sobre o referido documentário, uma atividade de ensino proposta na disciplina Fundamentos do Ensino das Artes Visuais II, do curso de Artes Visuais – Licenciatura, do Centro de Artes (UFPEL), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Mariza Brandão. A disciplina tem por objetivo possibilitar a construção de um conhecimento crítico sobre o trabalho docente e o ensino das Artes Visuais com vistas à elaboração de saberes em sintonia com as solicitações da sociedade contemporânea. Nesse sentido, discussões sobre as instituições escolares, inclusive pelo viés histórico, são fundamentais.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia se baseou em três procedimentos principais: a assistência crítica do documentário, elencando as falas que cada estudante considerasse mais importante; o relacionamento desses destaques com os temas abordados no primeiro capítulo do livro “A cabeça bem-feita” (2014), de Edgar Morin, e o artigo “No limiar da Experiência Estética” (2012), de autoria do professor Marcos Villela Pereira, lidos e discutidos anteriormente; e a elaboração de um ensaio sobre as análises, com um mínimo de três páginas. Tais orientações visaram, além da problematização dos conteúdos, a relação crítica entre eles, propiciando assim a consolidação das discussões desenvolvidas em sala de aula.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início do vídeo, a estudante chamada “Alicia” relata através de um texto solicitado pelos seus professores, sobre êxitos adquiridos - um balanço sobre os

anos em que os alunos estiveram na escola. A estudante elabora a seguinte reflexão: o que se aprende na escola não é importante, os conteúdos não são utilizados no cotidiano, além disso, na escola se ensina a estar longe uns dos outros e a competir, sendo que os pais e o professor não escutam eles (estudantes). Então, por estes motivos, eles dizem: “basta”... e ainda: “a educação está proibida”, sugerindo o título do vídeo. No relato da “Alicia”, se nota que os jovens estão conscientes, sabem o que acontece, e o que eles esperam da escola. Este breve relato demonstra os anseios deles em estarem juntos sem competições. Mais do que isso os estudantes querem ser escutados, querem aprender coisas que importam e que possam ser utilizadas no dia-a-dia. Em poucas palavras, Alicia aponta alguns caminhos para estruturar um novo modelo de ensino.

No vídeo um professor também relata: “quem não aprende a ler, escrever e calcular, não está educado”; outro destaca: “se enfoca o trabalho em algumas capacidades, em algumas áreas”, demonstrando que o importante são os conhecimentos formais, o conhecimento parcial, numa afirmação de que a mentalidade do ensino é parcial e fragmentada nas suas abordagens. Frente a tais posicionamentos outro professor desabafa, afirmando que nas escolas convencionais a aprendizagem é preventiva, e quando uma criança questiona para o que serve determinado ensinamento, a resposta é sempre aleatória: “algum dia você vai precisar”, e por este motivo, estes conhecimentos não são interiorizados pelos estudantes, não são significados por eles e elas.

No primeiro capítulo de “A Cabeça bem-feita” (MORIN, 2014), o autor pondera que os desenvolvimentos disciplinares das ciências, além de trazerem vantagens para a divisão do trabalho, também trouxeram como inconvenientes, a superespecialização, o confinamento e o despedaçamento do saber. E ainda, que além de produzirem o conhecimento e a elucidação, também produziram ignorância e cegueira. E isso está diretamente relacionado às reflexões trazidas pelos entrevistados no documentário. O equívoco está na separação de tudo e na ligação de nada, causando dúvidas sobre conteúdos que às vezes até são importantes, mas não são bem explicadas as suas inter-relações com a vida cotidiana.

Outro professor questiona que se fala de paz, mas não se educa para a paz, ao contrário, se estimula a competição, que traz malefícios, que separa, rotula e discrimina. Segundo ele, a escola parece ter virado um estacionamento de crianças, onde são separadas para não conversarem. O recreio é retirado como castigo daqueles que atrapalharam a aula... e assim vai. Entretanto, não se sabe o verdadeiro motivo desta desorientação em sala de aula. Sabe-se que algumas crianças têm problemas em casa, que outras tem déficit de atenção, porém, se finge que não é importante abordar estes problemas, induzindo a criança a achar que não é levado em consideração seus sentimentos, e que tudo na escola é mecânico e sem graça.

O vídeo traz questionamentos como: Porque não construir junto com os alunos novas formas de ensinar e aprender? Uma educação alternativa e interessante para todos os envolvidos em sala aula! Se espera tanto por avanços tecnológicos e científicos, porque não atualizar as formas de ensinar também? Tudo mudou, mas a forma de ensinar não acompanhou o progresso visto em outros campos. Não se pode nem questionar os alunos por fazerem apontamentos como os de “Alicia”. É possível constatar a falta de incentivo vendo salas de aula vazias, e/ou com alunos desatentos. Morin (2014, p.9) cita em seu livro: “A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino”. Ou seja, é uma via de mão dupla.

Seguindo o vídeo, a aluna “Micaela” fala sobre expressar o que pensa, enquanto os professores querem que ela almeje ser alguém na vida, fazer faculdade, mestrado e doutorado. Porém, segundo ela, já se sente alguém na vida, o que acarreta questionamentos como: Então, só é alguém na vida aquele que conseguiu estudar? Estudar não é tão fácil! Na faculdade, até antes, alguns alunos já se destacam e, geralmente, são convidados para grupos de pesquisa e outras atividades, seus caminhos são conduzidos naturalmente para o topo acadêmico, para serem “alguém na vida”.

Já um aluno com dificuldades de se relacionar e se expressar em sala de aula, normalmente é rejeitado por muitos dos seus colegas. O que me lembra questões de estética, do feio e do bonito, sendo que o feio, ninguém quer perto, e o bonito, todos convidam. No artigo “O limiar da experiência estética”, Marcos Pereira afirma que “A razão estética habilita o sujeito para que se construam mundos não apenas a partir de e sobre esquemas referenciais, mas, igualmente, a partir de e sobre a experiência da presentificação do que existe” e, “cada sujeito – personagem da ficção, da memória ou do presente, representa uma forma de subjetivação possível” (PEREIRA, 2012, p.194).

A experiência estética faz parte de nossa vida diária, só podemos distinguir o que é belo do que não é, tendo formado padrões de beleza. Inclusive, estes padrões abordam o que é ser um aluno “feio” e ser um aluno “bonito”, não importando o histórico de vida deles. Assim também se pode pensar o aprendizado, como a criação de novos padrões e formas de ensinar, como se a sala de aula fosse uma grande produção artística coletiva, que convida todos a participarem, em igualdade, se comunicando e interagindo, aprendendo e ensinando.

#### 4. CONCLUSÕES

O vídeo faz um apanhado de fatos históricos, reproduzindo acontecimentos antigos, numa linha de tempo que nos faz perceber a forma como chegamos na escola pública, gratuita e obrigatória. Ele discorre sobre a forma como este tipo de ensino molda o povo a ser prestativo, dócil e preparado para a guerra (um modelo que iniciou na Prússia e foi difundido e reproduzido com sucesso pelo ocidente).

Os questionamentos sobre aprendizado são muitos, no vídeo, um professor fala que o ser humano normalmente deve aprender, o que não pode é não aprender. E é importante lembrar que, as pessoas são dotadas de órgãos sensoriais para sentir, e de cérebro para pensar, raciocinar, criar e fantasiar.

Na escola o que ocorre muitas vezes é justamente o contrário: querem silenciar, fazer com que as crianças naturalmente percam a curiosidade e o desejo de aprender. E isso é possível de verificar, vendo a criança fora da escola, quando ela não pega num livro, num texto, não quer ver um documentário. Por outro lado, conforme apontamentos dos professores entrevistados, a escola pode ensinar para as crianças através de atividades práticas, em grupo, a se relacionarem, a usarem ferramentas disponíveis na sala de aula para executarem as tarefas dadas.

É massacrante e exaustivo para o estudante ficar sentado por horas numa classe, lhe causa aborrecimento e desânimo. O ser humano naturalmente gosta de conhecer coisas. Uma sugestão dos professores entrevistados no vídeo, é incluir o aprendizado lúdico, que proporciona prazer e felicidade em sala de aula.

Consideramos que é preciso que o estudo deixe de ser algo mecânico, sendo o único objetivo “passar de ano”. É necessário resgatar a vontade de aprender, transformar o ato de aprender em algo prazeroso, em vez de algo obrigatório. É

preciso introduzir modelos de ensino menos engessados, mais agradáveis e tolerantes com aqueles “alunos que não conseguem aprender”.

Concluindo, cabe destacar que a vontade de transformar a escola não se refere somente a uma discussão numa disciplina voltada à formação docente. Consideramos fundamental ressaltar que tais problematizações precisam embasar a formação de profissionais conscientes de seu papel determinante na transformação de mentalidades e comportamentos, conscientes de que esse é um exercício que se efetua na coletividade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDUCAÇÃO PROIBIDA. **Documentário**. Argentina, 2012, 115 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rlardd7xfFE>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 21ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

PEREIRA, Marcos Villela. **O Limiar da experiência estética**: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. In: Revista Proposições, Campinas, v.23, n. 1 (67), p.183-195, jun/abr, 2012.